

IDENTIDADE SOCIAL E VARIAÇÃO: A REALIDADE NAS CAPITAIS SEGUNDO OS DADOS DO PROJETO ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL (ALiB)

Marcela Moura Torres PAIM¹ - UFBA

Introdução

Para refletir sobre a questão da identidade social de faixa etária, utilizou-se a postulada Teoria Social do Discurso por Fairclough em *Discurso e Mudança Social* (2001). Segundo o referido autor, o discurso é um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. Assim, o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes.

Dessa forma, o discurso é uma prática de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. Tal prática focaliza, dentre os aspectos relativos aos efeitos construtivos, a construção, manutenção e projeção de identidades sociais. Em outras palavras, pode-se dizer que o discurso é o local onde as identidades sociais são estabelecidas.

Embora não configurem um tema preferencial para a área, as questões de identidade social têm sido estudadas também no campo da linguística. Com o fim de situar a perspectiva de identidade social adotada neste trabalho em relação a essas abordagens, foi tomado como base o trabalho de Hoffnagel (1999), considerado como exemplar para este tema. Demarcando uma perspectiva de análise na sociolinguística interativa, Hoffnagel (1999, p.81) comentando Ochs (1993, p.289) esclarece que:

a identidade social é formada de uma gama de *personae* sociais que pode ser invocada ou atribuída ao longo da vida, não sendo, portanto, fixa nem categórica, pois um indivíduo pode evidenciar aspectos diferentes como faixa etária, sexo, profissão, etc., dependendo de com quem se está interagindo. (HOFFNAGEL, 1999, p.81)

Nesta pesquisa, focalizo uma das dimensões da identidade social: identidade de faixa etária na fala de informantes a partir de inquéritos das cidades de Salvador, Campo Grande, Cuiabá e Goiânia do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. A opção de se trabalhar com este gênero textual encontra-se no fato de este conter recursos linguísticos que revelam o estereótipo: "os tempos antigos eram sempre melhores" e que transmitem a construção, projeção e manutenção da identidade social de faixa etária.

1 Fundamentação teórica

Em sociedades industriais modernas, especialmente nos meios urbanos, o indivíduo interage em diferentes grupos e desempenha diversos papéis, distintos conforme o contexto institucional. Portanto, o ser humano está no mundo da pessoa, enquanto "personagem de si", com sua consciência, direitos individuais e enorme liberdade de ação, e não mais diante da persona, "personagem do grupo", com papéis rigidamente pré-traçados pela sociedade em que vive. Desta forma, nas sociedades

¹ Professora da Universidade Federal da Bahia, do Instituto de Letras com atuação no Departamento de Letras Vernáculas. Endereço: Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina, Salvador-BA, Brasil, mmtpaim@ufba.br.

modernas, o indivíduo reveste-se/investe-se de múltiplas identidades, sendo inúmeros os traços disponíveis que permitem fundamentar atribuições de identidade social de faixa etária.

Conforme Preti (1991, p.75), existe no Brasil e praticamente em todo o mundo o aumento preocupante da população idosa. A respeito dessa situação, longe de os idosos merecerem uma atenção maior da comunidade, o que se nota é que a idade vem constituindo-se, cada vez mais, num fator crescente de discriminação social. A linguagem dessa faixa etária apresenta marcas específicas que podem ser vislumbradas nos campos prosódico, sintático, léxico e, sobretudo, discursivo ou conversacional. É nesse último campo – discursivo ou conversacional – que será evidenciado o estudo da categoria tempo no discurso dos idosos.

Considerando-se a questão da faixa etária, é possível afirmar que a linguagem dos idosos pode ser estudada em três perspectivas que mantêm pontos de ligação e não são estáticas: a de caráter cultural, social e psicológico individual. Na perspectiva de caráter cultural, existe a concepção de que os idosos devem ter um papel específico na sociedade em que vivem, de acordo com a tradição cultural a que pertencem; na segunda perspectiva, a de caráter social, há a visão de que a sociedade possui uma postura em relação aos idosos e, de acordo com ela, processam-se as relações sociais entre os idosos e os demais grupos etários; e por último, na perspectiva de caráter psicológico individual, encontramos a ideia de que uma pessoa é tão velha quanto imagina ser.

Considerando-se a questão da faixa etária, é possível afirmar que, em geral, o envelhecimento afeta sua condição de relacionamento social pela linguagem. Assim, as causas de natureza física, decorrentes da idade, que interferem, de maneira às vezes decisiva, nas atividades de pessoas mais maduras, quer sobre sua vida exterior, quer sobre suas reações psíquicas, seu poder de reflexão e análise, atingem consideravelmente sua capacidade comunicativa e receptiva e, por consequência, a própria habilidade conversacional.

Segundo Preti (1991, p.57), em geral, pode-se dizer que o levantamento das características peculiares à fala das pessoas mais maduras, nos diversos níveis de análise, mostra que as diferenças básicas entre essa linguagem e a dos falantes mais jovens residem muito mais na intensificação das características comuns a ambos, do que propriamente nos traços específicos. É o que ocorre com as repetições e suas várias espécies, como os anacolutos, com as parentéticas e, sobretudo, com as pausas, as hesitações e as autocorreções.

Conforme procura demonstrar Preti (1991, p.102), a linguagem dos idosos apresenta interferência de fatores naturais, psicofísicos (maior lentidão das reações na comunicação ativa ou receptiva, problemas de audição e memória) e a outros de natureza sociocultural, como a situação estigmatizada dos velhos na sociedade contemporânea, o que lhes acarreta uma insegurança manifestada em todos os atos de sua vida e, muito particularmente, no seu discurso. Mas, estas variações dos processos de repetição e nas autocorreções – que interferem na fluência do discurso de pessoas mais velhas – são mecanismos estratégicos que elas utilizam para compensar problemas de disfluência que ocorrem no nível prosódico e para os quais esses falantes não têm solução, assim tais recursos permitem aos idosos sustentar o andamento da conversa, isto é, apesar de tudo, seu discurso é levado adiante.

Preti (1991) apresenta, em seu trabalho, o resultado de uma pesquisa com falantes acima de 80 anos, “os Idosos Velhos”, limitando as citações de sua obra a apenas um diálogo entre dois informantes (de sexo feminino – 85 anos e de sexo masculino – 81 anos), apesar de ter feito 25 entrevistas sobre os temas: vestuário e diversões. Assim, o autor subdivide os idosos em: os “idosos jovens” com 60 a 80 anos, e os “idosos velhos” com mais de 80 anos, faixa etária a partir da qual é mais frequente a consciência da velhice.

Os lapsos de memória constituem um dos problemas mais importantes para a perda do ritmo normal na fala de pessoas mais velhas juntamente com a rememoração do passado que faz parte da própria organização do discurso do idoso e é feita por meio de vários tipos de informação, que vão desde as datas constantemente citadas para situar o que os falantes chamam de “nosso tempo”, até as indicações de lugares, menção a objetos, valores monetários, marcas comerciais, pessoas, instituições, acontecimentos públicos situados no passado. Essas informações pertencem à história da vida de cada um dos falantes; em geral trata-se de uma experiência compartilhada por ambos e, às vezes, podem ser citadas incompletamente, porque pressupõem o conhecimento do ouvinte.

As informações sobre o passado, que transparecem constantemente no discurso do idoso, muitas vezes são expressas por um léxico em que aparecem vocábulos, expressões, estruturas

formulaicas, formas de tratamento, relacionados com sua época. Neste sentido, podemos dizer que as categorias espaço e tempo podem transparecer nas seguintes marcas lexicais: Arcaísmos (utilização de vocábulos, formas de construções frasais que saíram do uso na língua corrente e nela refletem fases anteriores nas quais eram vigentes), Arcaísmos gírios (vocábulos que têm referentes limitados no tempo e oferecem, não raro, sérias dificuldades de compreensão para os ouvintes mais jovens, podendo ter significados diversos em outras épocas e lugares), Expressões formulaicas (são as frases-feitas, provérbios, refrões, expressões que, muitas vezes, remontam à sua infância e a melodia e a rima que, não raro, as acompanham, favorecem a permanência na memória) e as Formas de tratamento (que constituem um dos índices sociolinguísticos mais expressivos, para evocar as relações sociais entre falante/ouvinte).

Embora haja algumas marcas lexicais do tempo, na fala das pessoas mais velhas especialmente, é preciso reconhecer que nem por isso essa linguagem se tornou ininteligível aos mais jovens, mesmo porque os próprios idosos se encarregam de buscar artifícios para explicar os arcaísmos, as expressões formulaicas fora de uso, a gíria de seu tempo. E são esses artifícios que constituem precisamente as marcas mais expressivas da linguagem desse “grupo social”.

O passado como fonte tópica, como regulador da estrutura tópica discursiva, pode fornecer outras pistas para a compreensão da linguagem dos idosos. De fato, fatores culturais agem sobre esses falantes, levando-os a estruturarem seu discurso dentro de parâmetros diversos dos realizados pelos falantes de outras faixas etárias. Preti (1991, p.110) mostra que o estudo da topicalidade no discurso, de certa forma, lembra a própria intuição popular que costuma estigmatizar alguns hábitos linguísticos dos falantes idosos, classificando-os de “conversa de velhos”, pelas constantes remissivas ao passado, seguindo o estereótipo (“no meu tempo”...).

É justamente no sentido de valorizarem seu tempo, ou de se mostrarem integrados na sociedade em que vivem, que as pessoas mais velhas escolhem com habilidade o inusitado de suas narrativas e avaliam seus pormenores em função das necessidades da interação verbal, considerando os próprios valores e os do ouvinte ou audiência. Enfim, esclarece Preti (1991, p.100) que, sendo um artifício que se vale fundamentalmente da categoria tempo, as narrativas demonstram o quanto a vida dos falantes mais velhos permanece centrada no passado. Buscando no arquivo da memória fatos para ilustrarem suas idéias, os “idosos velhos” vão acumulando uma preciosa documentação da longa “viagem no tempo” a que costumam entregar-se durante a conversação.

2 Procedimentos metodológicos

Para este trabalho, adota-se a nomenclatura marcadores temporais para referir-se a palavras indicadoras de circunstância relativa a participantes localizáveis no tempo apresentada por Ilari (2001). Assim, nas análises serão abordados dois critérios: o estrutural e o semântico.

No plano da estrutura, tais marcadores podem apresentar-se em dois grandes grupos identificados com as seguintes denominações: marcadores temporais de estrutura pontual, constituídos apenas de uma palavra – o que seria denominado advérbio, na nomenclatura de Ilari (2001) – como em: “[...] Hoje se chama blache, no meu tempo era ruge [...]”. (Projeto ALiB/SSA – IQT: 093/8 – linha 998) –, e marcadores temporais de estrutura fraseológica, constituídos de mais de uma palavra – o que seria denominado locução adverbial e oração temporal, na nomenclatura de Ilari (2001) – como em: “[...] Hoje em dia se chama travessa, mas no meu tempo chamava passedêra” (Projeto ALiB/SSA – IQT: 093/8 – linhas 1005-1006) e “INF.: - Juntos, a gente ... é meio difícil, qué dizê, a gente fica pôco tempo junto, um vai vê a namorada, outro sai. Que cada um tem as suas coisas. Mas quando estamos juntos, nós conversamos sobre as coisas que tão acontecendo no mundo, no Brasil. O que é que a gente pensa, como... as dificuldades que eles têm, que eu tenho, né, no mundo atual, de tudo”. (Projeto ALiB/SSA – IQT: 093/8 – linhas 1231-1236).

No plano do conteúdo, os marcadores temporais serão classificados e analisados, levando em consideração a proposta de Ilari (2001) que os apresenta como estrutura especificamente temporal (cuja nomenclatura adotada neste trabalho será a de temporal simples como, por exemplo, em: “INF.: - Vou me impanturrá, que eu adoro caruru (rindo). Beber todas que tivé direito porque eu pôco bebo. Então, uma vez na vida ... então eu vou beber todas que eu tivé direito. Passiá, curti, ouvi música, batê papo. Enfim, vai sê um lazê maravilhoso se dé tudo certo”. (Projeto ALiB/SSA – IQT: 093/8 – linhas

1373-1376) e como estrutura com ancoragem de referência (cuja designação será a de temporal referencial como, por exemplo, em: “INF.: - o momento que eu tava vivendo, foram dois momentos bem diferentes, um era jovem, o outro era já mais madura. Quando eu tava começando a vida, expectativa toda em cima, o pensamento de jovem e tudo. A outra eu já tava mais madura.” (Projeto ALiB/SSA – IQT: 093/8 – linhas 1491-1494).

3 Análise do corpus

Os inquéritos gravados pelo Projeto ALiB se desenvolvem sempre na presença de uma audiência, constituída por um inquiridor e um auxiliar. Nessa situação, é preciso ter presente que as circunstâncias desse diálogo pela audiência não poderão refletir uma conversação absolutamente natural, o que só ocorreria se a gravação tivesse sido secreta. Mas, apesar disso, tratando-se sempre de diálogos longos, com o desenvolvimento da gravação, em geral, a conversação ganha sempre mais naturalidade.

Quando se fala em discurso do idoso, refere-se àquele praticado por um grupo de minoria que tem seus problemas e necessidades, muitos dos quais são de fundo social, refletidos na comunicação. Essa perspectiva permite ligar o fenômeno do envelhecimento a uma linha de análise sociolinguística, como se tem feito para o estudo de grupos diferenciados por características socioculturais, psicofísicas, étnicas ou geográficas.

Entender, porém, a linguagem dos idosos como uma variante sociolinguística, implica uma generalização do grupo de idosos, difícil de justificar, devido aos problemas sociais que conduzem à indefinição do papel do idoso, mormente na sociedade contemporânea. Apesar disso, pode-se afirmar que existe um permanente estado de auto-adaptação dos idosos aos novos tempos, escapando da marginalização e identificando-se, tanto quanto possível, com os mais moços. Sua linguagem não está ausente desse processo e esse parece um ponto importante, pois os pesquisadores não se devem deixar levar pela expectativa de que a fala dos idosos seja mais uma relíquia histórica. Um exemplo de como se manifesta essa linguagem dos idosos pode ser visto no exemplo 1:

Ex.:1

QUESTIONÁRIO MORFOSSINTÁTICO

INQ. – E... como era essa cidade, antigamente, em termos de festas?

INF. – Ah... era uma aligria..., era.. era... Salvador tinha..., ói, cumeçarra a festa *im oito de dezembro*, ia até Carnaval. Era: Conceição, é... lavagem do Bonfim, Ribêra, Santa Luzia, é.... Itapuã, éh... Salvadô era só Carnaval, era só festa.

INQ. – E hoje é...

INF. – Nã... nã... não! *Hoje... hoje* ainda ixiste isso ma mas era festa mermo.

INQ. – Han, han.

INF. - *Hoje* ixiste mas pur uma questão de... é... é resido de tudo isso.

INQ. – Um, hum.

INF. - mais... num era como airs festa de *antigamente* não, né?

INQ. – Cer..., não.

INF. – Salvadô era... era muita fes... Cêis alcançaram isso, não, né?

INQ. – Não, eu nem era... eu não sou daqui não.

INF. – Cê né daqui não, é?

INQ. – Não.

INF. – Cê é de onde?

INQ. – Eu sou de... Rio de Contas, da região de Rio de Contas.

INF. – Ah, sim! Mas você já oviu falá que.. que Salvador era... era muito... era só...

INQ. – Éh... festa, né?

INF. – Era só festa.

INQ. – Era lavagem não sei de quê...

INF. – Lavage do Bonfim, era tudo lavage, lavage do beco, lavage do beco de Maria Paz... do lugar que quiria... éh... baiano, “baiano” minha filha, essa colocação qu’eu fiz que... o pessoal de

Salvadô a gente chama de “baiano”, éh... éh... era só festa, festa, festa, festa... era... era muito isso mermo...

INQ. – Um. Hum.

INF. - ...mair depois eu parei. Carnaval!

INQ. – Um, hum.

INF. – Carnaval vocês ainda tão aí, né, tão pegano o Carnaval, mas o Carnaval tá...

INQ. – (risos) Eu num fico no Carnaval, eu viajo.

INF. – Éh... eu tamém, eu tamém já... já... saturei do Carnaval. E Carnaval você ia pra rua, você brincava o Carnaval mermo, *hoje...* o pessual lotiô a avenida se você num tivé dinheiro pa... pa comprá um bróco, você num disfruta Carnaval. Qué dizê, nego inventô o ... o ... pipoca, mas o pipoca, praticamente, fica maginalizado.

INQ. – Um, hum.

INF. – Num tem, acabô o Carnaval pra... porque se você... nego pegô a avenida e... e... lotiô.

INQ. – Um, hum.

INF. – Né, cum urs bloco e tal... e..., qué dizê, eu num tenhu nada contra isso, não, mair...perdeu aquele... aquela característica daquele Carnaval qu’eu... qu’eu vivi... e..., ah, bom, num tô dizeno que *agora* seja ruim, né, tá bom também, né, muito bom mermo.

INQ. – Mas já foi melhor, né?

INF. – Mas já foi..., ó..., veja bem, foi uma época boa, *agora* tá bom também, tá bom, você aí que brinca Carnaval sabe que o Carnaval tá... tá bom. Mairs num é um Carnaval mairs... pra mim saturô o Carnaval, Carnaval... eu caio fora. (Projeto ALiB/SSA – IQT: 093/7 – linhas 1462-1510).

Abordando um assunto de natureza rememorativa (o Carnaval de antigamente e o de hoje), o informante demonstra uma preocupação bem marcada ao longo do diálogo de esclarecer fatos, especificar coisas, rememorar locais, cujos referentes estão comprometidos com o tempo passado, revelando a identidade social de faixa etária mais avançada.

Em seu discurso, o informante apresenta uma comparação de caráter temporal em relação às festas por meio de estrutura fraseológica e pontual que remetem ao passado como *in oito de dezembro* e *antigamente*, respectivamente, juntamente com estruturas pontuais do presente como *Hoje* e *agora*. Dessa forma, ele explica que antes as festas eram melhores porque as pessoas se divertiam mesmo sem dinheiro e hoje só é possível aproveitar o Carnaval se tiver dinheiro.

Do ponto de vista semântico, essas ocorrências de marcadores temporais referem-se ao momento ou período situado na escala do tempo. No que se refere a sua ancoragem no discurso, existem ocorrências de marcador temporal simples, por não necessitar fazer relações referenciais no discurso para situá-lo no tempo. A temática da comparação passado X presente, também está presente no exemplo 2:

Ex.: 2:

DISCURSO SEMI-DIRIGIDO

INF. – você vê o seguinte, uma doença, o câncer e outras...vii, intão o que que acontece? Tudo isso éh... éh... são coisas que tão se passano cumigo e tal e que... eu.. eu tô convicto! E...u... eh... minha pressão, eu como, mei-dia, salada, de noite, salada *antes* eu tomava uma sopa, mas *agora* num tô tomano, a proteína que’u éh hé castanha do Pará, né isso? Éh... *agora*, aqui, que ela olhô na... na... numa revista aí, uns livro que’u compro que... que... castanha, castanha não, éh... amêndoa tem bastante...

INQ. – Proteína?

INF. – É... tem um nutriente aí bom e tal que’u tô cumeno mair... é assim se eu vô in algum lugar, se você me chama pa almoçá im sua casa, qualquer coisa eu chego lá e fico calado, bico ash coisa, assim e tal, divagazinho, sem dizê coisa nenhuma, não precisa dizê a ninguém que... que... que isso aquilo ô aquilo ôto pa pudê num se torná... um chato! Porque você termina ganhano inimigosh, mas se você me chama, *antigamente* eu num ia não porque cê come carne... num sei o quê, pá pá pá..., você tá se invenenano... a coisa da teoria inicial dasj coisa, né?

INQ. – ã, han.

INF. – Mas, *hoje* eu já sei respeitá, né? Você qué cumê carne? Coma!

INQ. – ã, ran.

INF. – Coma, problema seu. Se você um dia discubri que isso é prejudicial à saúde, tudo bem. Se não..., tudo bem, né. E... e assim vai, mas é isso ixatamente que... isso. (Projeto ALiB/SSA – IQT: 093/7– linhas 1601-1622)

Essa característica de lembrar o passado não está ausente da linguagem de falantes de outras faixas etárias, pois todos têm um passado a que se referir, mas ganha uma projeção muito especial na fala dos idosos, que relata o passado e o projeta a todo o momento em seu presente, o que é uma grande marca da identidade social de informantes com a faixa etária mais avançada.

A utilização de marcadores temporais de estrutura pontual, como antes, agora e antigamente, ordenam temporalmente o discurso no sentido da relação passado X presente. Tais estruturas apresentam uma referência ao momento ou período situado na escala do tempo e podem ser consideradas como temporal simples por não conter relações referenciais no discurso para situá-lo no tempo.

A rememoração do passado faz parte da própria organização dos idosos, mas também está presente na linguagem de informante da faixa etária 1, sendo feita por meio de vários tipos de informação, inclusive o de lembrar-se do passado para fazer uma crítica social do presente, como demonstra o exemplo 3.

Ex.: 3

QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL

“Mulher da vida. *Antigamente*, era mulher sem-vergonha... Quase num fala mais, né? *Agora* é mais chique mulher da vida, prostituta.” (Projeto ALiB/CG – IQT: 115/8).

No caso do exemplo 3, a relação passado X presente pode ser visualizada a partir da oposição lexical exposta pelo informante. O informante utiliza estrutura pontual do passado, como *Antigamente*, para fazer um paralelo com o presente por meio da estrutura pontual *agora*. Do ponto de vista semântico, as ocorrências de marcadores temporais em evidência referem-se ao momento ou período situado na escala do tempo. Nesse sentido, em relação ao tipo de ancoragem, pode ser percebido, seguindo a fundamentação teórica de Ilari (2001), que existem marcadores temporais simples, por não necessitar fazer relações referenciais no discurso para situá-lo no tempo.

O passado do informante também se encontra no exemplo a seguir, funcionando como pano de fundo para a revelação de parte da sua história de vida.

Ex.: 4

QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL

“Ah! eu fui carroceiro *mais ou meno uns oito ano*, eu larguei de carroça *faz uns três ano, dois anos atrás, não num faz... uns dois anos atrás no máximo*. Minha vida bem dizê foi den (dentro) Mato Grosso ali na... daqui de Campo Grande mexendo com árvure e tirando entulho, lixos, entendeu? No fundo de quintal, jogando. Só que essa limpeza na cidade.. porque parô né de... *hojem (hoje em dia)* a gente num pode i cortá uma árve e jogá num terreno vazio, entendeu?... num pode que dá multa pra gente e pro dono da... porque o prefeito fez isso. Aí essa bera, essa be erre (BR) bera de corgo era só lixo, favela então, a gente jogava, tinha onde jogá, *hoje* já... Pra mim ficô... pro meu serviço... por isso que *hoje* eu, eu penso até em pará de trabaiá porque num tem lugar pra mim jogá. (Projeto ALiB/CG – IQT: 115/1).

Nesse caso, o informante faz com que, por meio do discurso, a sua experiência surja e seja relatada. Assim, ele comenta sobre a sua história de vida com o trabalho, comparando o passado ao presente, através dos marcadores temporais de estrutura fraseológica e pontual.

Nesse sentido, a localização no tempo expressa pelas sentenças da língua é basicamente o resultado de uma construção. Essa construção envolve também os marcadores temporais pontuais e

fraseológicos e, eventualmente, informações que se buscam em lugares bem determinados do contexto. Dessa forma, pode ser percebido que os idosos lembram e dão expressão às suas lembranças. O papel da memória é tradicionalmente valorizado entre os mais velhos, assim como suas lembranças constituem patrimônio coletivo.

A memória também está presente no exemplo a seguir:

Ex.: 5

PERGUNTA METALINGUÍSTICA

“A terminologia chapa e cruz eh... eu pesquisei muito, num encontrei nada que desse uma coisa com bastante certeza. Mais deduz-se que a... usavam *na época da escravatura* muito... porque *hoje* nós temos a nossa certidão de... nascimento, de casamento, de óbito até, né, nós temos o nosso cique (CIC), *hoje* nós somos mais número de que nome, né? Certo? E... *no tempo da escravatura* usava-se uns patações, um tipo de chapa mehmo pra identificar os escravos, entendeu?” (Projeto ALiB/CU – IQT: 108/7).

Conforme demonstra o exemplo apresentado, os idosos têm, quase sempre, uma tendência muito grande para se tornarem contadores de histórias. Explica-se facilmente esse fato: há um destino educativo no seu papel social e para cumpri-lo existe uma exemplificação farta acumulada ao longo de sua vida.

Por outro lado, na conversação, quando é dado aos falantes da terceira faixa etária a oportunidade de interagir naturalmente com outros falantes, o idoso tem a tendência de falar muito, lembrando nas narrativas a sua experiência e revelando muita habilidade em montar o seu discurso, a partir da utilização dos marcadores temporais, o que faz com que muitas vezes o seu interlocutor classifique esse discurso como “conversa de velho”.

Pela leitura do exemplo, percebe-se que o discurso opera, então, como mediador entre as realidades individuais e a realidade cultural e social mais ampla na qual se está inserido, sendo, portanto, por meio dessa forma discursiva que o indivíduo se constrói como parte do mundo no qual vive. Nesse sentido, o informante masculino da terceira faixa etária relata uma experiência vivenciada no passado, utilizando como ancoragem temporal os marcadores de estrutura pontual *hoje* e fraseológica *na época da escravatura*, *no tempo da escravatura* que apresentam uma relação temporal referencial, no caso, relacionada ao momento da existência da escravidão no país.

Como explica Moita Lopes (2002, p. 64), o próprio viver de cada um influencia a produção do discurso e, paralelamente, a sua interpretação, pois “vida e histórias de vida estão inseparavelmente ligadas numa construção contínua de significados e sentidos”.

Diante do exposto, vale salientar que o discurso dos idosos não difere fundamentalmente daquele dos falantes de outras faixas etárias, no que se refere à utilização das narrativas conversacionais, conforme aponta o exemplo a seguir:

Ex.: 6

QUESTIONÁRIO MORFOSSINTÁTICO

INQ. – O que que vocês fazem no final de semana?

INF. – Ah, a gente vai ao cinema, a gente vai... jogar boliche... éh... a gente se reúne na casa... dos... dos outros... quando eu era pequena a gente ia ao clube...

INQ. – E não vai mais?

INF. – Não, mas é porque an, *antigamente*, *antigamente* assim, *quando eu tinha até uns onze anos*, aqui em Goiânia tinha coisa assim, um costume ... de ir aos clubes, e *hoje* os clubes, assim, eles tão depredrados. Porque num existe mais clube aqui em Goiânia, num existe isso mais, entendeu? Porque *hoje*... o povo vai pros hotéis fazenda.... (Projeto ALiB/GO – IQT: 1123/6).

Neste caso, é possível verificar, no contexto interacional, as comparações entre passado e presente. Observa-se que esse falante, no sentido de traçar uma comparação de seu tempo de infância ao que ele considera mais atual, utiliza a categoria tempo, assim como os informantes mais velhos que também buscam no arquivo da memória fatos para ilustrarem suas ideias, acumulando uma preciosa

documentação da longa “viagem no tempo” a que costumam entregar-se durante a conversação.

Considerações finais

Neste trabalho procuramos mostrar como os recursos lingüísticos, utilizados na atividade discursiva falada, constroem, mantêm e projetam a identidade de faixa etária em inquéritos das cidades de Salvador, Campo Grande, Cuiabá e Goiânia do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Em vista do exposto, quisemos demonstrar que a identidade de faixa etária depende basicamente da categoria tempo, pois esta atua nessa linguagem como um elemento ordenador na elaboração do discurso, manifestando-se em dois pólos – o antes e o agora, com forte participação do primeiro, mais vivenciado, o que permitiu uma análise mais dirigida do segundo – visando às oposições desejadas entre passado e presente típicas dos discursos pertencentes a uma faixa etária mais avançada, mas também inseridas no repertório linguístico de informantes da faixa etária 1.

Referências bibliográficas

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A Queiroz, 1983.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- HOFFNAGEL, Judith Chambliss. A emergência de identidades na atividade discursiva falada e escrita. In: MOURA, Denilda (Org.). *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: [s.n.], 1999. p. 81-91.
- ILARI, Rodolfo. *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto, 2001.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de letras, 2002.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. *Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- OCHS, Elionor. Linguistic resources for socializing humanity. In: GUMPERZ, John. & LEVINSON, Stephen. (Org.). *Rethinking linguistic relativity*. Cambridge: Cambridge University Press 1996. p. 407-437.
- PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, 1991.